Advertencias Contra o Engano

C. J. Jacinto

Advertências Contra o Engano

C. J. Jacinto

Publicações Biblicas Bereianas

Paulo Lopes – SC – Brasil

(48) 999616582

O CAMINHO ESCORREGADIO DA PATRISTICA

C. J. Jacinto

Na obra excelente obra "Doutrinas Centrais da Fé Cristã" J.N.D. Kelly aborda o período patrístico no primeiro capítulo . Nessa obra, ele é muito claro em dizer que a teologia dos

primeiros séculos apresenta os extremos de imaturidade e de refinamento. Essa sem duvida deve ser a primeira percepção viva no nosso coraçao quando o assunto é ler e estudar a patrística.

A patrística, em sua totalidade, não pode ser considerada autoridade final em assuntos de fé e doutrina. Nenhum escritor patrístico possui a mesma autoridade das Sagradas Escrituras. Pelo contrário, quaisquer ensinamentos patrísticos que discordem das Escrituras, que apresentem inovações ou acréscimos, devem ser rejeitados. Essa é a postura que devemos adotar ao analisar a patrística. Caso contrário, incorreremos em erros e nossa fé poderá ser abalada. Alexandria, situada na foz do rio Nilo, desfrutava de uma localização geográfica estratégica, propícia ao comércio e à disseminação de ideias entre o Oriente e o Ocidente. Era um centro intelectual de grande importância, notabilizada por abrigar a maior biblioteca do mundo da época, além de diversas outras de menor porte e museus. A cidade acolheu numerosos intelectuais e, de certo modo, tornou-se um dos berços do pensamento gnóstico.

No contexto de Alexandria, a filosofia grega exerceu notável influência sobre os intelectuais judeus. Familiarizados com as doutrinas de Platão e Aristóteles entre outros tantos, eles reconheceram, com surpresa e admiração, semelhanças entre os ensinamentos filosóficos gregos e os textos sagrados do Antigo Testamento. Concluíram, então, que os filósofos gregos teriam derivado dos livros de Moisés as suas mais notáveis ideias. Quando na verdade eles beberam das fontes poluída ocultistas das religiões egípcios. A noção de que os filósofos gregos,

posteriormente reverenciados em Alexandria, em especial por judeus influenciados pela cultura local, teriam recebido influência direta de Moisés, configurou-se como uma estratégia, um atrativo para o sincretismo que se manifestaria de forma proeminente naquela cidade. As ideias fundamentais que emanaram dos ensinamentos de Filo de Alexandria e da filosofia resultante desse sincretismo, conhecida como escola alexandrina, exerceram notável influência. Essa influência, perceptível em diversas épocas, moldou profundamente a teologia da cristandade, inclusive ate nos tempos atuais. Desse sincretismo religioso emergiram novas abordagens para a interpretação das escrituras. Entre estas, destaca-se a interpretação alegórica, que o Dr Aníbal Pereira Reis denominou de "exegese fantasmagórica", originada na escola judaica de Alexandria. Essa forma de interpretação exerceu uma influência considerável sobre a teologia cristã posterior, disseminando-se amplamente.

A Escola de Alexandria caracterizou-se pela tentativa de conciliar as ideias do Antigo Testamento com as filosofias presentes em Alexandria, notadamente a filosofia helenística. A busca por essa harmonia, no entanto, frequentemente implicava na reinterpretação do sentido literal das Escrituras, especialmente dos livros de Moisés. Para viabilizar essa conciliação, recorria-se a uma interpretação alegórica, com certa flexibilidade hermenêutica, visando harmonizar os pensamentos de Platão, Aristóteles e outros filósofos gregos com os ensinamentos do Pentateuco e outros livros do Antigo Testamento. Dessa forma, o método de interpretação alegórica das Escrituras, originado em Alexandria e exemplificado pelas abordagens de Aristóbulo e Filo,

tornou-se a ferramenta hermenêutica empregada por muitos pais da Igreja. Em consequência, a teologia posterior que se fundamentava nos escritos de Paulo e outros autores do Novo Testamento, visando harmonizar o Novo Testamento com o Antigo Testamento, foi gradualmente substituída pela interpretação alegórica, que promovia a espiritualização das Escrituras. Muitos desses pais da Igreja utilizaram tais métodos na elaboração de seus sistemas teológicos. Entre eles, destacam-se figuras influentes na teologia ocidental, tanto na Igreja Católica Romana quanto em algumas vertentes protestantes. Exemplo disso são Agostinho, bispo de Hipona, influenciado pelo neoplatonismo, e Tomás de Aquino, que incorporou o pensamento aristotélico em sua teologia.

Figuras religiosas proeminentes do passado enalteceram o filho de Alexandria, considerando-o um dos maiores escritores eclesiásticos da Antiguidade. Dentre aqueles que o louvaram, destaca-se o renomado Jerônimo. Outro expoente, oriundo de Alexandria, foi o célebre Eusébio. Observa-se, assim, a influência da patrística em Alexandria e a escola de interpretação alegórica que floresceu naquela região da Antiguidade, onde diversos intelectuais se dedicaram a construir um sincretismo religioso de grande impacto, unindo filosofias e conceitos religiosos do Antigo Testamento para formar uma nova escola teológica que influenciaria profundamente o pensamento da Antiguidade. Portanto, o Doutor Aníbal Pereira Reis se expressa com grande rigor. A noção de Filo sobre a dependência dos filósofos gregos no estudo de Moisés foi acolhida por Justino, Taciano, Clemente de Alexandria, Teodoreto e pela maioria dos Padres da Igreja dos cinco primeiros séculos. Em seus escritos, Ambrósio demonstra

significativa influência das ideias de Filo.
O Dr Anibal Pereira Reis sustenta que figuras como Atanásio Sinaiítico, datada do século VII, reconhece que a patrística está substancialmente influenciada por uma orientação filosófica considerada prejudicial. Diante disso, a confiabilidade da patrística como base para a elaboração de doutrinas torna-se questionável. Considera-se a patrística um terreno complexo, onde, embora se encontrem valiosas contribuições, também se detectam erros e uma inclinação significativa a abandonar o pensamento hebraico em favor de um pensamento sincretista e helenista, desenvolvido em Alexandria para a elaboração teológica posterior . Essa tendência, segundo a perspectiva apresentada, influenciou o desenvolvimento do tomismo a teologia de Tomás de Aquino, bem como a obra de Agostinho, que se baseou em parte no pensamento neoplatonico. Consequentemente, o pensamento desses teólogos é visto como impregnado por essa influência. Apesar disso, tanto Agostinho quanto Tomás de Aquino têm sido amplamente reverenciados como grandes pensadores e figuras influentes no cristianismo. Lamentavelmente entre evangélicos que sustentam o "Sola Scriptura"

Atualmente, contam-se entre nós líderes que foram influenciados pelo pensamento desenvolvido em Alexandria, no Egito. Essa corrente filosófica alexandrina exerceu influência significativa nos desvios doutrinários da época. A chamada Escola Gnóstica Cristã, que se manifestou no contexto da Patrística Católica, desenvolveu-se de maneira marcante, abrindo espaço para o surgimento de novas doutrinas. Estas representavam, em grande medida, uma fusão entre o neoplatonismo e o cristianismo,

podendo ter exercido considerável influência, especialmente na mística católica.

Desde os pensadores da antiguidade, como Mestre Eckhart, até outros estudiosos posteriores, incluindo Pseudo-Dionísio, o Areopagita, que introduziu na tradição cristã, especialmente na católica, o conceito neoplatônico de mística, essa influência se fez presente em diversos místicos, tanto anteriores quanto posteriores à Reforma. Portanto, é possível observar que esses líderes alexandrinos foram mentores da escola, cujo primeiro diretor foi Panteno, sucedido por Clemente. Nessa escola e nesse pensamento, caracterizou-se um cristianismo profundamente influenciado pela filosofia helenista alexandrina, que se nutria e dependia da tradição helenista, prolífica na criação de valores intelectuais, teóricos, especulativos e metafísicos. Por meio de um dos líderes da Igreja Primitiva, chamado Orígenes, essa escola e esse pensamento geraram o primeiro sistema orgânico da teologia católica, que atualmente se encontra em grande medida dissociada das Sagradas Escrituras.

Portanto, toda a estrutura da tradição, as revelações extrabíblicas e a formulação de novas doutrinas foram incorporadas no cristianismo primitivo devido a essa influência espiritual. Consequentemente, parte do que se denomina patrística é atualmente considerada tradição na Igreja Católica Romana e é utilizada como autoridade na definição de novas doutrinas e o estabelecimento de heresias. Este desvio significativo tem comprometido a integridade do cristianismo neotestamentário, de modo que, em diversos aspectos, observa-se um cristianismo alterado, que, paradoxalmente, ainda almeja se autoproclamar como a igreja original. Quanta ilusão!

A partir do Concílio de Niceia, observa-se um distanciamento gradual da Bíblia em relação à Igreja Primitiva. No Concílio de Éfeso, realizado em 431, em vez de promover a sã doutrina e um cristianismo centrado em Cristo, conforme exposto no Novo Testamento, foi inaugurada a Mariolatria, doutrina que conferiu proeminência excessiva à figura de Maria. A elevação de Maria à posição de divindade, central nos cultos marianos, é defendida por seus prelados e apoiadores sob o pretexto de piedade e veneração. Contudo, por meio dessas elaborações doutrinárias, o que se observa é a prática da adoração a Maria, como se fosse uma deusa. Mesmo que alguns desavisados neguem isso, uma simples analise de escritos de "doutores" da igreja romana como Afonso de Ligorio e outros se pode chegar a essa conclusão com muita facilidade.

A separação do cristianismo bíblico persistiu. Já na Alta Idade Média, o catolicismo romano mostrava-se consideravelmente distante das Escrituras Sagradas, e ascendeu uma figura de grande relevância e centralidade na teologia católica o ja citado: Tomás de Aquino. Este, reconhecido como um dos maiores teólogos da Igreja Romana, reformulou e reinterpretou a teologia, o Novo Testamento e o cristianismo, valendo-se da filosofia e dos princípios de Aristóteles, um pensador pagão que não professava a fé no Deus biblico. Dessa forma, estabeleceu-se uma ponte que gradualmente se afastava a teologia do pensamento hebraico e do cristianismo bíblico. Portanto, teólogos apologéticos que buscam defender a tradição, implicitamente sugerem que a revelação do Espírito Santo é insuficiente. Ao alegar que as Escrituras, redigidas sob a inspiração divina dos apóstolos e outros autores bíblicos, são incompletas, eles postulam a

necessidade de complementá-las. Argumentam que homens, não mais inspirados, mas utilizando conceitos derivados do paganismo, devam formular novas ideias para fundamentar doutrinas inéditas dentro da Igreja. Essa postura, a meu ver, é incoerente, embora seja defendida por muitos que se consideram intelectuais.

Autores como Manley P. Hall, em sua obra "O Segredo Revelado em Todas as Eras", argumentam, com base em extensa pesquisa, que os filósofos gregos antigos derivaram suas ideias da rica tradição (Diga: ocultista) egípcia, incluindo seus sistemas de crenças, cosmologia e cosmovisão.O que Hall sugere é que o Egito, com seu profundo conhecimento de ocultismo, esoterismo, gnosticismo e diversas práticas religiosas obscuras, influenciou significativamente o pensamento e a filosofia grega. Diante disso, os resultados observados contemporaneamente não causam estranheza.
Não pretendo negar o valor da patrística. Longe disso, minha intenção é ressaltar que, quando os autores cristãos antigos, dos primeiros séculos, expressam ou ensinam algo fundamentado exclusivamente nas Escrituras Sagradas, sem influências pagãs, gnósticas ou da filosofia grega, isso pode ser considerado positivo, útil e até mesmo edificante. Contudo, a patrística não deve ser equiparada às Escrituras em termos de autoridade, como se fossem textos inspirados, pois não o são. São obras sujeitas à falibilidade e contêm erros, devendo, portanto, ser lidas com cautela e não consideradas como provas definitivas para sustentar uma doutrina.
Reconheço que diversas obras da patrística podem contribuir para a compreensão de certos aspectos e fenômenos religiosos dos primeiros séculos. Por exemplo,

a obra "Contra as Heresias" de Irineu de Lyon oferece um valioso entendimento sobre a fenomenologia do gnosticismo do primeiro século. Contudo, é importante ressaltar que Irineu de Lyon não foi inspirado pelo Espírito Santo e sua autoridade não se equipara à das Escrituras. Ao analisarmos a religião egípcia, percebemos um embrião do espiritismo e do ocultismo inserido em sua cosmovisão. Adentrando a obra "O Cuidado Devido aos Mortos", de Santo Agostinho, publicada pelas Edições Paulinas, notamos na página 43 uma descrição das aparições de espíritos desencarnados, que se manifestam aos vivos, impedindo o sepultamento adequado de seus restos mortais. Para termos uma idéia de como essas coisas estranhas influenciaram e ganharam forma dentro do cristianismo, a autora e pesquisadora Mary Del Priore, no bem documentado livro “Do Outro Lado – A Historia do Sobrenatural no Espiritismo” faz o seguinte comentário citando o celebre Agostinho de Hipona:

“As duas formas de encarar a relação entre vivos e mortos, subsistiram. Segundo um modelo herdado da antiguidade, os vivos deveriam cuidar de seus mortos e vice-versa. Segundo um modelo eclesiástico, definido por Santo Agostinho, o conjunto de comunidade cristã deveria rezar por seus fieis defuntos. No primeiro caso, o culto consolidava tradições velhíssimas. No segundo modelava a crença na qual apenas os santos podiam cuidar dos vivos” (Pagina 30) Del Priore foi corretíssima na analise, Agostinho apenas readaptou a crença ocultista-espiritualista pagã para se ajustar ao cristianismo, semeando assim a tradição de cultos aos mortos e posteriormente dando apoio teológico para as narrativas de espectros espirituais sob a identidade de almas de

falecidos padecendo no purgatório, pedindo ajuda aos místicos católicos para se libertarem de lá.

Essa manifestação, própria do espiritismo em sua forma inicial, é, portanto, observada e defendida na obra de um dos mais influentes pensadores do catolicismo romano. Após investigação sobre o fenômeno da aparição de falecidos aos vivos, sob a perspectiva espiritualista e ocultista, observei pessoalmente em minhas pesquisas que relatos de aparições e manifestações de espíritos, incluindo almas vinda supostamente do purgatório em busca de auxílio, são comuns entre místicos católicos antigos e modernos. Fenômeno paranormal que não tem qualquer respaldo bíblico, embora tenha muitas advertências nas Sagradas Escrituras acerca dessas praticas ocultistas.Essa comunicação entre os vivos e os mortos é descrita tanto no espiritismo quanto no espiritualismo, e representa uma manifestação ocultista presente no catolicismo romano, decorrente das doutrinas que o fundamentam. As concepções sobre o purgatório, em particular, apresentam raízes pagãs, vinda de teólogos apóstatas e não das Escrituras.

A Patrística não detém autoridade para a imposição de doutrinas, especialmente aquelas que não encontram respaldo no Novo Testamento, em seus ensinamentos e definições. Inovações e novidades doutrinárias representam desvios e, embora existam autores e escritos patrísticos que possam ser úteis para a compreensão do contexto pós-apostólico, estes não possuem autoridade doutrinária, nem como tradição, nem como fonte escriturística. Se não falaram conforme os ditames do que estava escrito, nunca viram a alva da verdade, mas se envolveram com as sombras do engano. Eles não podem,

portanto, definir doutrinas mas somente reforçar as que ja foram definidas pela Biblia, pois não foram inspirados pelo Espírito Santo; são apenas escritores e teologos. Muitos deles, ademais, foram influenciados pelo gnosticismo, pelo ocultismo egípcio e pela Escola de Alexandria, resultando na contaminação de muitos desses textos. Assim, o Novo Testamento e o Antigo Testamento permanecem como as únicas fontes de verdade, alicerces fundamentais que sustentam o cristianismo bíblico. (Galatas 1:8 e 9)

Fontes Consultadas:

O Vaticano e a Biblia – Anibal Pereira Reis –Edições Cristãs

Do Outro Lado – A Historia do Sobrenatural no Espiritismo – Mary Del Priore

O Cuidado Devido aos Mortos – Santo Agostinho – Edições Paulinas

A Fé dos Eleitos – John F. Parkinson – Editora Sã Doutrina

Doutrinas Centrais da Fé Cristã – J. N. D. Kelly – Edições Vida Nova

Link com um artigo interessante acerca da patrística:

https://www.wayoflife.org/database/church_fathers_a_door_to_rome.html

---

O Falso de Evangelho de Laodiceia

I. A Crise do Evangelho Diluído

Poucas passagens das Escrituras revelam com tanta nitidez a condição da apostasia eclesiástica quanto a carta endereçada à igreja de Laodiceia, registrada em Apocalipse 3:14-22. Ao longo dos séculos, exegetas, teólogos e pregadores têm debruçado seus esforços sobre esse texto, extraindo de suas linhas advertências que transcendem o contexto histórico imediato e interpelam, com assustadora pertinência, o cristianismo contemporâneo.

O que encontramos em Laodiceia não é simplesmente uma comunidade de crentes entorpecida pelo conforto material. O que encontramos ali é algo teologicamente mais grave: uma ecclesia que havia preservado a forma externa da religião, mas havia perdido a substância viva do evangelho. Havia culto, havia liturgia, havia eloquência nos sermões — mas havia se instalado, sorrateiramente, um evangelho diluído, esvaziado do poder transformador da cruz.

O Senhor Jesus havia estabelecido o princípio fundamental da reunião cristã com clareza inequívoca: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio

deles" (Mateus 18:20). Essa promessa não é litúrgica, é ontológica — ela fala da presença real e viva de Cristo como fundamento e centro de toda assembléia que genuinamente se reúne em Seu nome. Todavia, em Laodiceia, essa promessa havia sido tragicamente subvertida. Havia muitos reunidos, mas Cristo não estava no meio — estava do lado de fora, batendo à porta (Apocalipse 3:20). A comunidade crescera, prosperara, expandira suas estruturas, mas havia se tornado, para todos os efeitos espirituais, uma assembléia sem a presença do Senhor.

II. O Esplendor Externo e a Miséria Interior

A cidade de Laodiceia, situada no vale do rio Lico, na região da Frígia, era um dos centros econômicos mais pujantes da Ásia Menor no primeiro século. Famosa por três elementos que o próprio Cristo converte em metáforas espirituais devastadoras — sua produção têxtil de lã negra, sua reconhecida escola de oftalmologia e o célebre colírio produzido localmente, e suas termas de águas medicinais —, Laodiceia representava o ápice do florescimento secular daquela região.

A igreja local havia absorvido o espírito da cidade. Seus membros eram ricos, cultos e, por conseguinte, dotados de recursos que lhes permitiam acesso a livros, filosofias e refinamento intelectual. Os sermões eram polidos, as assembléias possuíam sofisticação invejável a qualquer religioso

mundano, e havia algo que poderíamos denominar de uma teologia ornamental — vasta em erudição aparente, porém completamente estéril em poder espiritual. O humanismo havia se tornado o eixo gravitacional de toda a experiência religiosa dessa comunidade.

É aqui que reside o paradoxo mais perturbador da condição laodiciana: a autoproclamada suficiência. "Sou rico e me tenho enriquecido e de nada tenho necessidade" — essa proclamação ecoa como uma blasfêmia velada, pois é proferida justamente por uma comunidade que, segundo o próprio diagnóstico divino, era "miserável, lamentável, pobre, cega e nua" (Apocalipse 3:17). A distância abissal entre a autopercepção e a realidade espiritual é o sintoma mais característico de uma apostasia avançada.

III. O Problema da Cristologia Substituída

Há uma questão que o texto apocalíptico suscita e que não pode ser negligenciada pelo teólogo sério: qual era o "Jesus" proclamado em Laodiceia? É perfeitamente plausível, e até provável, que o nome de Jesus circulasse livremente nas assembléias laodicéias — nos hinos, nas pregações, nas expressões devocionais cotidianas. Mas o verdadeiro Jesus, o Cristo ressuscitado, o Verbo eterno que se fez carne (João 1:14), o Filho de Deus que morreu e ressuscitou para salvação do gênero humano — esse estava do lado de fora.

Esse fenômeno teológico — a substituição do Cristo bíblico por uma construção religiosa que usa seu nome, mas não reflete seu caráter, seus ensinos nem seus juízos — não é exclusivo do primeiro século. Ele persiste e se multiplica com desconcertante vitalidade no cenário cristão contemporâneo. Encontramos hoje pregações que apresentam um Jesus que desceu ao inferno e adquiriu natureza satânica antes de ser "ressuscitado por Deus", como se o Filho eterno precisasse de uma redenção própria — doutrina essa que contradiz radicalmente toda a teologia soteriológica bíblica.

Encontramos também um Jesus conveniente, domesticado pelas demandas do mercado religioso, que aprova e até celebra o comércio dentro dos templos — enquanto o Jesus dos Evangelhos empunhou um açoite e expulsou os mercadores do átrio sagrado (João 2:14-16), manifestando um zelo pela santidade da casa de Deus que simplesmente não cabe nas estruturas eclesiais mercantilizadas de nosso tempo. Há quem pregue um Jesus que legitima hierarquias eclesiásticas voltadas à obtenção de status e poder, quando o Senhor disse explicitamente: "Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva" (Mateus 20:26).

Há quem defenda — e isso é particularmente grave — uma nova modalidade de ministério evangélico construída sobre salários exorbitantes, ostentação pessoal e uma teologia da prosperidade que confunde a bênção divina com o acúmulo de riquezas. O Jesus que nunca teve onde reclinar a cabeça (Lucas 9:58), que ensinou a seus discípulos a contentamento e a desapego material (Mateus 6:19-21), simplesmente não pode ser o mesmo Jesus que endossa essas estruturas. A conclusão teológica é inevitável: onde se tolera aquilo que Cristo nunca ensinou e nunca tolerou, anuncia-se, na prática, um outro Jesus.

"Porque, se alguém vier pregar outro Jesus, que não temos pregado, ou se receberdes outro espírito, que não recebestes, ou outro evangelho, que não abraçastes, com razão o sofreis." — 2 Coríntios 11:4

IV. A Mornidão Como Sistema Teológico

A mornidão laodiciana não deve ser entendida apenas como tibieza espiritual individual. Ela constitui, em sua estrutura mais profunda, um sistema teológico — uma cosmologia religiosa em que o Espírito Santo foi silenciosamente substituído pela eficiência humana, pelo apelo emocional e pelas estratégias de marketing eclesiástico. A mornidão é o estado resultante quando uma comunidade abandona a dependência radical de Deus e passa a operar pela força da carne.

Nesse ambiente, a hipocrisia não é uma exceção, mas uma necessidade estrutural. Quando a aparência e a realidade se divorciam — quando a confissão teológica formal não corresponde à prática cotidiana —, a hipocrisia torna-se o cimento que mantém a estrutura de pé. A assembleia proclama santidade enquanto tolera a sensualidade; proclama humildade enquanto exibe ostentação; proclama dependência de Deus enquanto opera com a autonomia fria de uma corporação secular.

É nesse contexto que devemos compreender a tolerância crescente de determinadas igrejas contemporâneas com relação à indecência no vestuário. Homens e mulheres frequentam os cultos com trajes que refletem os cânones do erotismo secular, e isso é aceito sob a bandeira da inclusividade ou da graça. Mas o Senhor Jesus foi categórico: "Eu, porém, vos digo que qualquer um que olhar para uma mulher com intenção impura já adulterou com ela em seu coração" (Mateus 5:28). Uma assembleia que não cuida do ambiente espiritual em que seus membros adoram, que permite que o sensualismo penetre no espaço sagrado da adoração, revela que o verdadeiro Cristo não está no centro de suas decisões pastorais.

A predicação psicologizada — aquela que existe para massagear o ego humano, para exaltar o potencial da natureza

pecaminosa regenerada e para transformar o evangelho em uma técnica de autoajuda com verniz espiritual — é outra manifestação característica da mornidão teológica laodiciana. Em lugar da proclamação fiel que diz ao pecador: "és miserável, cego e nu diante de Deus", essas mensagens confortam, validam e encorajam — e ao fazê-lo, privam os ouvintes da única coisa que poderia libertá-los: a verdade.

V. O Amalgama do Secular e do Sagrado

O historiador Estrabão e outros autores da Antiguidade testemunham que Laodiceia era uma metrópole opulenta, equipada com todas as riquezas que o mundo helenístico poderia oferecer. Suas termas atraíam visitantes de toda a região; seus festivais e ambientes públicos promoviam uma cultura de exibicionismo corporal e sensualidade. A ironia histórica que o texto apocalíptico sublinha é mordaz: Laodiceia produzia roupas em escala industrial — e ainda assim a sua igreja padecia de nudez espiritual. Fabricava colírio medicinal de renome — e seus líderes eram cegos para a própria condição. Possuía águas termais morna — e sua tibieza espiritual causava náuseas no próprio Senhor.

Essa correspondência entre a cultura urbana de Laodiceia e o estado espiritual de sua igreja não é meramente retórica. Ela aponta para um processo teológico profundo e perigoso: o

amalgama do secular com o sagrado. Quando a Igreja adota os valores, as métricas e a cosmovisão do mundo circundante como seus parâmetros de sucesso e identidade, ela deixa de ser Igreja no sentido bíblico do termo — a ecclesia, a "chamada para fora" — e torna-se simplesmente mais uma instituição religiosa navegando nas correntes da cultura dominante.

O resultado desse processo é que a Igreja passa a seguir a mesma direção do mundo — os mesmos princípios, os mesmos critérios de valor, as mesmas ambições. A riqueza, que deveria ser gerida com mordomia fiel e generosidade radical, torna-se fonte de orgulho e símbolo de aprovação divina. A pobreza, que Cristo não apenas tolerou mas abraçou como sinal de identificação com os marginalizados do Reino (Mateus 5:3; Lucas 6:20), é tratada com desprezo velado ou explícito. Apenas o veneno do orgulho é capaz de produzir uma visão tão distorcida da simplicidade e da dependência.

VI. A Cegueira que se Ignora

A dimensão mais trágica da condição laodiciana reside, paradoxalmente, na sua incapacidade de reconhecer a própria condição. Há uma diferença fundamental entre o pecador que sabe que pecou e sente o peso de sua culpa — a esse, o Espírito Santo pode trazer convicção e arrependimento — e aquele que abraçou o erro como verdade, que julgou a sua consciência

crítica como desnecessária e que se tornou, portanto, impermeável à repreensão divina.

O orgulho espiritual é a forma mais letal de cegueira, precisamente porque quem está acometido por ela não experimenta o desconforto que normalmente mobiliza o ser humano em direção à cura. A arrogância laodiciana não era apenas moral; era epistemológica — uma incapacidade estrutural de ver a realidade como ela é, encoberta pelas aparências envernizadas de uma religião lapidada segundo os conceitos do mundo e do homem.

Por essa razão, o diagnóstico divino é acompanhado de uma prescrição precisa: "Aconselho-te que de mim compres ouro refinado no fogo, para que te enriqueças; vestes brancas, para que te cubras e não apareça a vergonha da tua nudez; e colírio para ungires os teus olhos, para que vejas" (Apocalipse 3:18). Cristo usa as próprias marcas registradas de Laodiceia — o ouro, as vestes, o colírio — como metáforas para o que a cidade famosa por tais produtos paradoxalmente não possuía em termos espirituais. O colírio que a cidade fabricava curava olhos do corpo; apenas o colírio divino — a revelação do Espírito Santo — pode curar os olhos da alma.

VII. O Apelo ao Arrependimento: A Misericórdia que Persiste

E aqui chegamos ao ponto que impede que esta análise seja meramente diagnóstica: a misericórdia perseverante de Cristo. Porque, ainda que estivesse do lado de fora, o Senhor não havia abandonado Laodiceia. Ele batia à porta. Ele chamava. Ele repreendía — e a repreensão divina é sempre um ato de amor, nunca de indiferença. "Eu repreendo e disciplino a todos quantos amo" (Apocalipse 3:19). Aqui a teologia do amor divino se revela em sua plenitude: não o amor sentimental que aprova tudo, mas o amor verdadeiro que diz a verdade, exige transformação e abre caminho para a restauração.

A saída prescrita para a condição laodiciana é uma só, e ela é formulada com urgência apostólica: "Sê zeloso, portanto, e arrepende-te" (Apocalipse 3:19). O arrependimento não é aqui uma emoção passageira ou um exercício ritual. É uma reorientação existencial completa — uma metanoia no sentido pleno do termo grego, uma mudança radical de mentalidade, de direção e de lealdades. Implica o retorno às veredas antigas, ao andar no primeiro amor, à prática das primeiras obras (Apocalipse 2:4-5) — àquilo que o Senhor mesmo havia ensinado e que constitui a substância irredutível do evangelho bíblico.

Para as igrejas contemporâneas que se reconhecem, com honestidade e humildade, nos traços da condição laodiciana — e há muitas razões para que essa identificação seja feita com

seriedade —, o chamado é o mesmo: abrir a porta que por muito tempo permaneceu fechada ao Senhor verdadeiro e deixar que Cristo ocupe, de fato, o centro que lhe pertence por direito de criação e redenção.

Considerações Finais

O evangelho de Laodiceia é a caricatura perfeita de tudo aquilo que o evangelho de Cristo não é. É um evangelho sem cruz, sem arrependimento, sem santidade, sem a presença viva do Espírito Santo. É um evangelho que produz crentes confortáveis e autoconfiantes — exatamente o oposto do tipo humano que o verdadeiro evangelho forma: o servo humilde, o discípulo obediente, o adorador que tremeu diante da grandeza de Deus e encontrou, nesse tremor, a paz que excede todo entendimento (Filipenses 4:7).

Que a condição de Laodiceia não seja apenas um objeto de análise acadêmica ou de crítica teológica aplicada a outros. Que ela seja, antes de tudo, um espelho diante do qual cada crente, cada pastor, cada comunidade eclesiástica se examine com seriedade e temor de Deus. Pois nestes tempos de profunda perturbação espiritual, o evangelismo laodiciano se alastra por todos os quadrantes do christianismo global — e é aceito, com alarmante frequência, como se fosse o autêntico evangelho de Cristo.

A tarefa da teologia fiel, neste contexto, é precisamente a que sempre foi: discernir os espíritos (1 João 4:1), provar todas as coisas (1 Tessalonicenses 5:21), guardar o depósito da fé que foi entregue de uma vez por todas aos santos (Judas 1:3) — e proclamar, sem vergonha e sem concessões, o Cristo que está do lado de fora, batendo à porta, esperando ser recebido não apenas como Senhor nominal, mas como o Senhor verdadeiro e vivo de toda a existência da Igreja.

“O Evangelho de Laodiceia” Escrito há muitos anos atrás, quando fazia um estudo pessoal sistemático sobre as sete igrejas do Apocalipse.

O PERIGO DO LIBERALISMO TEOLÓGICO

Uma análise bíblica sobre o caminho da digressão espiritual

"Porque chegará o tempo em que não suportarão a sã doutrina... e se desviarão para as fábulas." — 2 Timóteo 4:3-4

1. INTRODUÇÃO — O QUE ESTÁ EM JOGO?

Vivemos em uma era em que a palavra 'liberalismo' é frequentemente apresentada como sinônimo de progresso, abertura e modernidade. No campo teológico, porém, o liberalismo representa um dos perigos mais sutis e devastadores que a Igreja de Cristo já enfrentou. Ao contrário das perseguições externas — facilmente identificáveis como ameaças —, o liberalismo teológico opera por dentro, corrompendo doutrinas, relativizando a autoridade das Escrituras e substituindo a vontade de Deus pela vontade do homem.

Este artigo tem como objetivo definir com clareza o que é o liberalismo teológico, identificar suas principais manifestações, traçar o caminho histórico e espiritual que ele percorre, e exortar o leitor a permanecer firmemente ancorado na autoridade da Palavra de Deus. Não se trata de um ataque a pessoas, mas de uma advertência às ideias que, se não enfrentadas com discernimento, conduzem congregações inteiras ao afastamento de Deus.

2. DEFININDO O LIBERALISMO TEOLÓGICO

O Dicionário Webster's New World College Dictionary define o liberalismo como: "Um movimento moderno do Protestantismo que enfatiza a liberdade da tradição e da autoridade, o ajuste das crenças religiosas às concepções científicas e o desenvolvimento de capacidades espirituais." Essa definição secular já revela o coração do problema: a rejeição da autoridade estabelecida por Deus em favor da autonomia humana.

Em termos práticos, o liberalismo teológico pode ser descrito a partir de três pilares centrais que se reforçam mutuamente:

OS TRÊS PILARES DO LIBERALISMO TEOLÓGICO	
1. Liberdade da Autoridade	Busca ser liberto da autoridade de Deus ou daquela que Ele ordenou. Procura autonomia sem prestação de contas às Escrituras. (Nm. 16:3-13; 2 Pe. 2:10)
2. Ajuste às Concepções Populares	Busca 'comunhão' com o mundo para 'ser como os outros ao nosso redor'. Adapta doutrinas ao que é culturalmente aceito, não ao que é biblicamente correto. (Gál. 1:6-9; Judas 3)
3. Ênfase no Sentimento	Procura satisfazer a carne — o aspecto 'sentir-se bem' das religiões humanas — em detrimento do

	que é correto diante de Deus. (Prov. 14:12)

É crucial perceber que o liberalismo não surge como uma rejeição declarada da Bíblia. Ele começa, quase sempre, com pequenas concessões: uma interpretação mais 'flexível' de determinada passagem, uma abertura progressiva a práticas não ordenadas por Deus, uma reação ao que é chamado de 'rigidez' ou 'legalismo'. Por isso, muitos que trilham esse caminho não percebem para onde estão indo — até que já foram longe demais.

---

3. O CAMINHO DA DIGRESSÃO — COMO O AFASTAMENTO ACONTECE

3.1 — Um Processo Progressivo, Não Súbito

A história bíblica oferece um dos exemplos mais instrutivos sobre como o afastamento de Deus acontece. O livro de Juízes registra, com precisão dolorosa, o ciclo da digressão do povo de Israel. Em Juízes 2:7, lemos que o povo serviu ao Senhor durante toda a vida de Josué e dos anciãos que sobreviveram a ele. Mas em Juízes 2:10, apenas uma geração depois, surgiu um povo que não conhecia o Senhor nem as obras que Ele havia feito por Israel.

De uma geração fiel a uma geração infiel: apenas uma geração. Esse intervalo de tempo, que parece curto demais para tamanha mudança, revela que o afastamento não acontece de forma abrupta. Ele é alimentado por um processo de erosão gradual da convicção, da memória e da obediência. A digressão percorre um caminho com etapas identificáveis:

- Começa com uma mudança de atitude em relação à Palavra de Deus (Rom. 1:21-22)
- Alimenta-se de uma mudança de convicção — os fundamentos são questionados (Sal. 10:11-13; Heb. 3:12; Rom. 1:23)
- Resulta numa mudança na aplicação das Escrituras — o que Deus diz passa a ser 'reinterpretado' (2 Tim. 4:3-4)
- Estabelece um rumo para a apostasia completa se não for interrompido

> ***Jeremias 6:16-19*** *— Assim diz o SENHOR: Ponde-vos nos caminhos e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para as vossas almas. Mas eles disseram: Não andaremos. [...] Por isso, eis que trarei mal sobre este povo.*

3.2 — O Mecanismo Interno da Digressão

O processo de digressão não ocorre no vácuo. Ele é impulsionado por mecanismos psicológicos e espirituais que é necessário compreender para poder resistir. Quando uma pessoa ou congregação começa a se afastar da sã doutrina, tipicamente percorre três estágios internos antes de formalizar a mudança:

O CAMINHO DO HOMEM (DIGRESSÃO)	O CAMINHO DE DEUS (FIDELIDADE)
Autoconfiança — 'cada um faz o que parece certo' (Juízes 21:25)	Autoridade e Verdade Absoluta de Deus (João 8:31-32)
Sentimentos como guia principal (1 Reis 12:33)	A necessidade de obediência fiel (Matt. 7:21; João 14:15)
Racionalização dos erros para se sentir justificado (Matt. 19:8-9)	Reconhecimento da realidade e gravidade do pecado (1 João 3:4)

A racionalização é particularmente perigosa porque usa argumentos que soam razoáveis — e até compassivos — para justificar o abandono da instrução divina. 'Precisamos ser mais inclusivos.''A Igreja precisa se modernizar.''O Espírito nos conduz além do que está escrito.' Cada uma dessas afirmações soa generosa e progressista, mas todas elas pavimentam o mesmo caminho: o afastamento da autoridade bíblica.

---

4. AS MANIFESTAÇÕES CONCRETAS DO LIBERALISMO NA IGREJA

O liberalismo teológico não permanece como abstração filosófica. Ele se manifesta em práticas, decisões e mudanças

concretas na vida das congregações. Abaixo estão suas manifestações mais recorrentes e identificáveis:

4.1 — Desênfase da Autoridade Bíblica

O primeiro e mais fundamental sinal do liberalismo é a erosão progressiva da autoridade das Escrituras. Isso não acontece geralmente por meio de uma declaração direta contra a Bíblia, mas por meio de uma série de substituições e reinterpretações:

- Clamor por uma 'nova hermenêutica' — Rejeição do 'CENI' (Comando, Exemplo, Necessidade Inferida) como método legítimo de interpretação. A Bíblia passa a ser vista como 'apenas uma carta de amor', não como padrão a ser seguido. (2 Tim. 1:13; Heb. 8:5)
- 'Não consigo entender a Bíblia da mesma forma' — Frase comum que sinaliza a migração da interpretação baseada na Palavra para uma interpretação baseada em experiência emocional ou em 'direção do Espírito'. (Ef. 3:3-4; João 14:15)
- Estilos de adoração subjetivos — A adoração se torna centrada no entretenimento e na experiência emocional, em vez de estar centrada no que Deus ordenou. (João 4:24)
- Reorganização da estrutura da Igreja — O trabalho da Igreja é redefinido para ser 'socialmente centrado', desprezando a autoridade dos presbíteros e o padrão bíblico. (1 Tim. 3:15)

4.2 — Ampliação da Comunhão de Forma Não Bíblica

Outra marca do liberalismo é a pressão para expandir a comunhão além dos limites estabelecidos na Palavra de Deus.

Isso significa aceitar como parceiros de fé e prática aqueles que ensinam e praticam erros doutrinários, sob o argumento da 'unidade cristã' ou do 'amor'.

- Aceitação do denominacionalismo como expressão legítima do Corpo de Cristo (1 Cor. 1:10-13; Ef. 1:3)
- Comunhão com aqueles que praticam o erro, contrariando a instrução explícita das Escrituras (1 Cor. 8; Rom. 14; 16:17-18; Amós 3:3; 2 Cor. 6:14-16)
- Rejeição da autoridade de Cristo como único árbitro das práticas da Igreja (Col. 3:17)

4.3 — Relativização do Plano de Salvação e da Moral

O liberalismo inevitavelmente toca o coração do evangelho: o plano de salvação e os padrões morais da vida cristã. Quando a autoridade das Escrituras é enfraquecida, essas áreas são as primeiras a sofrer as consequências:

- Plano de salvação relativizado — Os passos claros da Escritura (ouvir, crer, arrepender-se, confessar, ser batizado e permanecer fiel) são diluídos ou reinterpretados. (Atos 2:38; Rom. 6:3-6; Ef. 2:8-10)
- Compromisso moral comprometido — Pecados que a Bíblia condena explicitamente passam a ser tolerados ou até celebrados. (1 Cor. 6:9-11; Ef. 5:3-11)
- 'Evangelho Social' substitui o evangelho bíblico — O foco muda de reconciliação com Deus para transformação social, sem o componente da salvação espiritual.
- A distinção entre Evangelho e Doutrina é apagada — Tudo passa a ser tratado como de igual importância ou tudo como igualmente opcional.

Ambos são males: tanto o Liberalismo Teológico quanto a Autocomplacência Espiritual (Falsa Justiça Própria). Nenhum extremo é o caminho de Deus.

---

5. UM EXEMPLO CONTEMPORÂNEO — O CASO DAS FACULDADES DA IGREJA DE CRISTO

O material em análise apresenta um exemplo histórico e documentado de como o liberalismo teológico se instala e progride em instituições que um dia foram fiéis. De acordo com dados compilados pelo blog 'Authentic Theology' (publicado em maio de 2018), a maioria das faculdades afiliadas às Igrejas de Cristo nos Estados Unidos havia abandonado as restrições bíblicas sobre os papéis da mulher nos cultos de adoração.

O relatório indica que, das 12 faculdades nacionais afiliadas, 7 delas já não excluíam mulheres do serviço ativo nos cultos da capela quando a assembleia incluía homens e mulheres. Dentre essas, 4 instituições — Abilene Christian University, Lipscomb University, Pepperdine University e Rochester College — não excluíam mulheres de qualquer papel nos cultos, incluindo pregar, liderar orações e servir ativamente.

Esse exemplo não é apresentado aqui como um ataque às pessoas envolvidas, mas como ilustração do processo descrito ao longo deste artigo. A mudança não aconteceu de um dia para o outro. Ela foi precedida de décadas de erosão da autoridade bíblica, de questionamento do 'CENI' como método hermenêutico válido, de uma nova hermenêutica que priorizava sentimentos e experiências em detrimento do texto explícito — e de uma pressão cultural crescente para 'se adequar aos tempos'. O resultado foi a formalização de práticas que contradizem o ensino claro das Escrituras (1 Cor. 14; 1 Tim. 2:11-12).

---

6. A RESPOSTA BÍBLICA — COMO ENFATIZAR A AUTORIDADE DAS ESCRITURAS

6.1 — O Princípio do Padrão Bíblico

A resposta ao liberalismo não é o conservadorismo cultural ou a tradição eclesiástica — é a Palavra de Deus aplicada fiel e consistentemente. O padrão bíblico pode ser resumido em três imperativos que as Escrituras apresentam com clareza:

OS TRÊS IMPERATIVOS DO PADRÃO BÍBLICO	
Fazer CONFORME o Modelo	Tudo o que fazemos na adoração e na vida da Igreja deve estar em conformidade com o padrão estabelecido nas Escrituras. (2 Tim. 1:13; Heb. 8:5)
Não ir ALÉM	Nenhuma prática, doutrina ou inovação deve ultrapassar o que está escrito. O silêncio das Escrituras não é permissivo, mas proibitivo naquilo que não foi autorizado. (1 Cor. 4:6; 2 João 9-11)
Não ADICIONAR nem TIRAR	A Palavra de Deus é completa. Adicionar a ela ou subtrair dela é um ato de rebeldia contra a soberania divina. (Prov. 30:5-6; Gál. 3:15; Apoc. 22:18-19)

6.2 — O Modelo da Igreja Primitiva

Diante de tanta discussão sobre 'nova hermenêutica' e 'novos métodos', o cristão fiel é convidado a olhar não para o futuro inventado pelo homem, mas para o passado estabelecido por Deus. Atos 2:41-42 registra o modelo da Igreja primitiva com clareza:

> ***Atos 2:41-42*** *— De bom grado, pois, os que aceitaram a sua palavra foram batizados; e naquele dia foram acrescentadas como três mil almas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, e no partir do pão e nas orações.*

Essa Igreja cresceu extraordinariamente sem precisar abandonar a doutrina dos apóstolos. Ela perseverava — palavra que implica esforço, constância e determinação contra a

corrente. A perseverança na sã doutrina é, ela mesma, um ato de resistência contra o espírito liberal de cada época.

6.3 — As Perguntas que Todo Cristão Deve Fazer

Com base no ensino de 2 Pedro 3:17-18, que exorta os crentes a guardarem-se para não caírem com o erro dos malvados e crescerem na graça e no conhecimento do Senhor, cada crente deve fazer periodicamente as seguintes perguntas:

- Qual é minha atitude em relação às Escrituras? Estou me curvando a elas ou tentando moldá-las às minhas preferências?
- Crerei e permanecerei firme no que Deus ensina em Sua Palavra — mesmo quando isso me custar popularidade ou conforto?
- Estou fazendo a aplicação adequada das Escrituras — ou estou selecionando apenas aquelas que convêm ao meu estilo de vida?
- As mudanças que aceito na Igreja são fundamentadas na Palavra de Deus ou apenas no que 'parece certo' ou 'sente bem'?

---

7. O PLANO DE SALVAÇÃO — O PONTO CENTRAL QUE O LIBERALISMO COMPROMETE

Toda discussão sobre liberalismo teológico deve terminar onde o evangelho começa: no plano de Deus para a salvação do ser humano. Quando a autoridade bíblica é enfraquecida, o plano de salvação se torna a vítima mais grave, pois é ele que determina a eternidade de cada alma.

As Escrituras apresentam, com consistência de um livro ao outro, os passos que Deus estabeleceu para que o pecador se reconcilie com Ele. Nenhum desses passos é negociável, cultural ou temporário. Eles expressam a vontade soberana de Deus para a salvação da humanidade:

O PLANO DE SALVAÇÃO SEGUNDO AS ESCRITURAS	
Ouvir	O evangelho de Cristo deve ser ouvido e recebido com abertura de coração. (João 12:48)
Crer	A fé genuína em Jesus Cristo como Filho de Deus e Salvador é indispensável. (João 8:24)
Arrepender-se	O arrependimento — mudança de mente, coração e direção — é exigência explícita de Cristo. (Lucas 13:3)
Confessar	A confissão pública de Jesus como Senhor é ato de compromisso e testemunho. (Mateus 10:32-33)
Ser Batizado	O batismo para o perdão dos pecados é ordenança estabelecida por Cristo. (Marcos 16:16)
Permanecer Fiel	A fidelidade até o fim é condição para receber a coroa da vida. (Mateus 24:13)

O liberalismo teológico, ao relativizar a autoridade das Escrituras e ao ajustar as doutrinas ao gosto popular, inevitavelmente compromete esses passos — seja omitindo o

batismo, seja tornando o arrependimento opcional, seja substituindo a obediência fiel pelo sentimento de pertencimento. O resultado é um 'evangelho' que não pode salvar, pois não é o evangelho de Cristo.

> ***Gálatas 1:8-9*** *— Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregue evangelho diferente do que já vos pregamos, seja anátema. Como já dissemos, também agora repito: se alguém vos pregar outro evangelho além do que recebestes, seja anátema.*

---

8. CONCLUSÃO — UMA EXORTAÇÃO À FIDELIDADE

O liberalismo teológico não é um problema distante ou exclusivo de outras denominações. Ele é uma tentação presente em qualquer comunidade cristã que comece a valorizar mais a aprovação do mundo do que a aprovação de Deus, mais o conforto emocional do que a verdade, mais a inclusividade cultural do que a fidelidade às Escrituras.

A história bíblica e a história da Igreja demonstram, sem exceção, que o afastamento de Deus começa com pequenas concessões e termina, quando não interrompido, em apostasia completa. Mas a história também demonstra que cada geração

pode escolher um caminho diferente — o caminho da fidelidade, da perseverança e do retorno às veredas antigas.

Que cada crente, cada ancião, cada congregação se examine à luz desta análise. Que a Palavra de Deus seja o norte inquestionável de todas as decisões doutrinárias e práticas. E que a advertência de Judas 3 ressoe com urgência em todo coração que ama ao Senhor:

> ***Judas 3*** — *Amados, embora estivesse muito ansioso para escrever-lhes sobre a salvação que nos é comum, senti necessidade de escrever-lhes, exortando-os a lutar arduamente pela fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos.*

Acreditar firmemente. Permanecer na sã doutrina. Fazer a aplicação fiel das Escrituras. Esse é o único caminho seguro em tempos de digressão.

Baseado no estudo 'The Danger of Liberalism' de Don McClain (17/09/2018)

Adaptado para fins didáticos e de edificação

PEQUENOS TEXTOS E GRANDES REFLEXÕES

Nenhum cristão deve abandonar sua posição de total dependência de Deus. A auto-suficiência é um desejo espiritual grave, uma apostasia que desloca a confiança completa em Deus para a confiança em si mesmo.

Fato irrefutável e bíblico, que a prosperidade, o materialismo, o conforto nos conduz para o esfriamento espiritual e o arrefecimento espiritual é a direção que levou a Igreja de Laudeceia a ser causa de náusea ao nosso Senhor Jesus Cristo.

A Bíblia nos adverte contra a busca vã por reconhecimento e nos encoraja a trilhar o caminho da humildade. Devemos considerar os outros superiores a nós, pois essa é uma postura segura para refletir a imagem de Cristo em nossas vidas. É essencial que Ele cresça e que nós diminuamos.

As Escrituras Sagradas nos revelam que somos justificados gratuitamente por meio da graça divina, através da redenção provida por Cristo Jesus. Conseqüentemente, a justificação, sendo um dom

gratuito, independe de nossos méritos, capacidades ou obras. A obra salvífica foi consumada por Jesus Cristo, sendo-nos oferecida de maneira irrestrita. Esta é a justificação pela fé, a essência do Evangelho.

Todo orgulhoso religioso, pela opulência do seu próprio coração, cheio de orgulho e arrogância, diz Eu sou salvo, porque eu mereço, porque eu faço boas obras, adicionados às obras que Cristo realizou no Calvário Mas o homem mais santo e humilde diz, nada depende de mim, tudo depende do Senhor, da sua graça e da sua misericórdia.

Um ateu passa a vida s procura um suposto gene de Deus no cérebro e um cristão usa o cérebro para cultuar e adorar a Deus a vida toda

www.heresiolandia.blogspot.com

Um farol espiritual em meio a escuridão dos últimos tempos

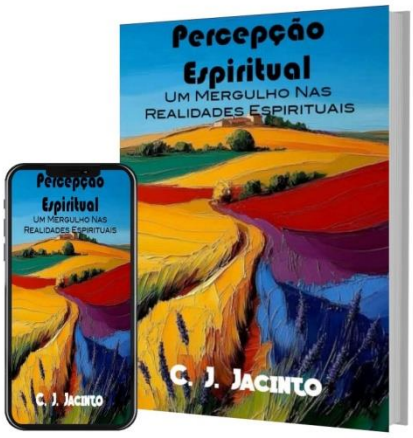
Visite:

---

www.heresiolandia.blogspot.com

Uma luz em meio a escuridão dos últimos dias

Ofereço gratuitamente outros livretos (em formato eletrônico PDF ou EPUB) gratuitamente:



Pequeno Tratado Sobre o Corpo Glorificado dos Santos Redimido
C. J. Jacinto
Pequeno Tratado Sobre o Corpo Glorificado dos Santos Redimido
C. J. Jacinto

Pequeno
Tratado
Sobre a
Idolatria
C. J. JACINTO
Pequeno
Tratado
Sobre a
Idolatria
C. J. JACINTO

Lançando
Sobre ELE
Toda a Vossa
Ansiedade
C. J. Jacinto

Peça (48) 999616582

claviojj@gmail.com

Outros livretos disponíveis no DRIVE:

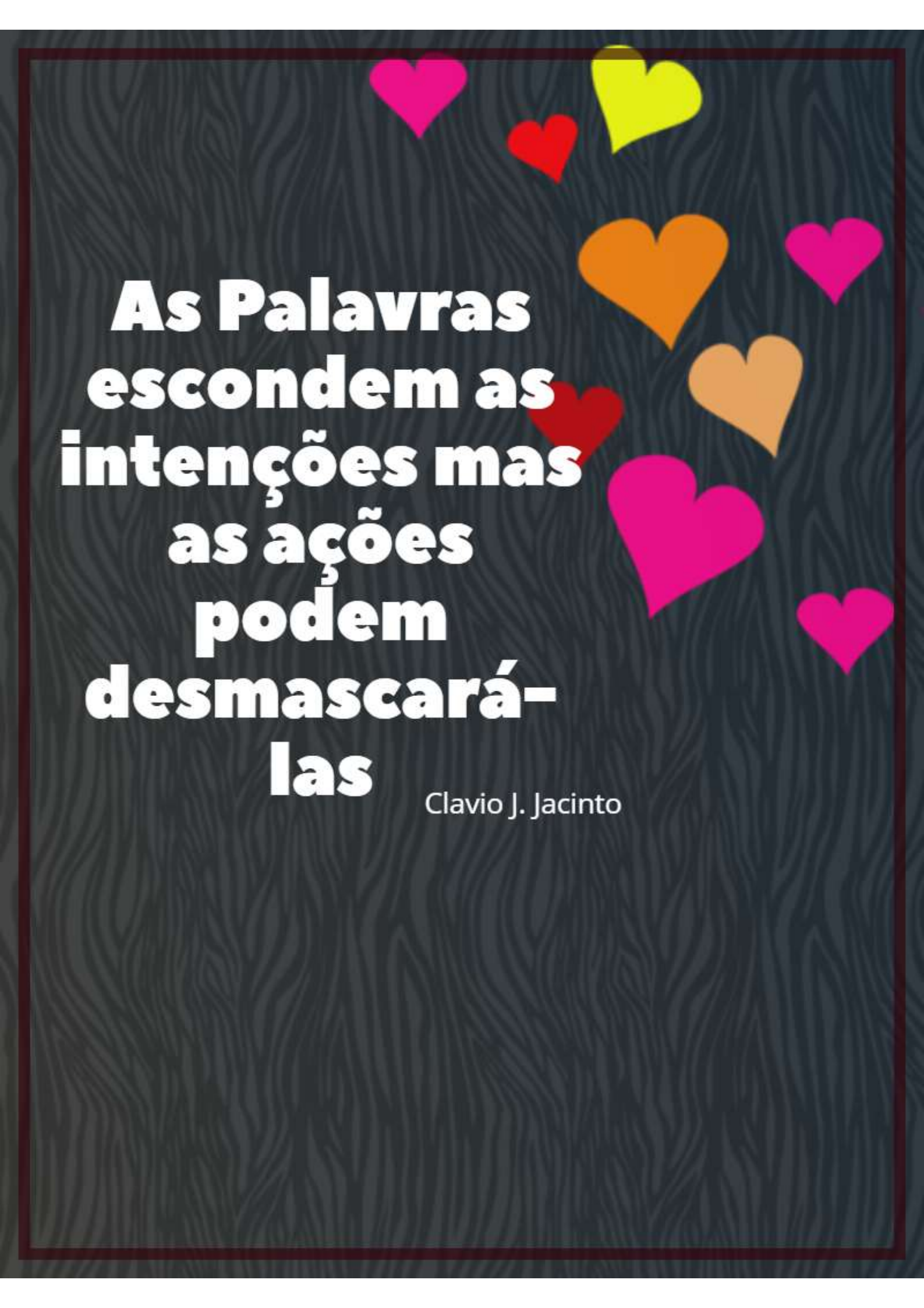
Potestades das Trevas Como é e Como Opera

https://drive.google.com/file/d/1y82sTIya-YQRv9cFchmuC6ijHmJn5Fj-/view?usp=sharing

https://drive.google.com/file/d/1xTB9B59fqjQ2yPBkyWZI4O27d9kq63eO/view?usp=sharing

Artigo edificante e esclarecedor:

https://heresiolandia.blogspot.com/2025/09/cultuando-sentimento-e-idolatrando.html


As Palavras escondem as intenções mas as ações podem desmascará-las
Clavio J. Jacinto